

*Severino Ngoenha & Luca Bussotti*

## **Editorial 2025: A ciência avança, apesar de tudo**

O ano que acaba de findar foi um dos mais difíceis na história da humanidade e de Moçambique. A nível global, guerras declaradas, operações especiais, conflitos ditos “de baixa intensidade” caracterizaram o ano de 2025. E as pazes alcançadas foram impostas através da força do mais forte contra o mais fraco e indefeso. O bullying político tornou-se cânone normal de actuação das grandes potências mundiais.

Em Moçambique, a crise institucional e política continua, embora sem aquela violência que tinha representado a cifra dominante do fim de 2024 e início de 2025. Cabo Delgado também constitui o epicentro de violações e incertezas de populações flageladas por um conflito de que não se vislumbra o fim, ao passo que a mãe-natureza também, entre as semanas finais de 2025 e o início de 2026 quis concentrar seus piores esforços no Sul do País, com inundações sem precedentes, e que revelaram, mais uma vez, a fraqueza de respostas programadas e preventivas a tais eventos extremos.

Entretanto, no meio desta situação constrangedora, a ciência continua a produzir resultados tangíveis, embora, pelo menos em Moçambique, ainda demasiadamente desconectados com o contexto nacional. A *Revista Científica da UDM* conseguiu desempenhar o seu pequeno, mas importante papel no seio da comunidade académica nacional e, a partir de hoje, internacional. O número de 2025 foi o primeiro que viu a nossa revista conquistar um lugar de excelência entre alguns dos mais prestigiados indexadores internacionais: primeiro foi a Erih Plus a indexar, para uma série bastante vasta de domínios científico, a revista na lista dos periódicos classificados. Depois foi o indexador brasileiro Qualis a fazer o mesmo. Estes elementos representam o reconhecimento de um trabalho iniciado, na sua concepção, em 2018, finalizado em 2019, com a saída do primeiro número, e continuado durante estes anos todos, nunca falhando o nosso compromisso com a pontualidade da publicação, com a qualidade dos artigos apresentados, finalmente com a rigorosidade do processo de revisão dos textos que cada vez mais autores resolvem enviar para a nossa revista.

Este número de 2025 consta, além deste Editorial, de 10 textos, entre os quais uma entrevista e nove artigos científicos. O processo de revisão científica nos levou a recusar vários artigos que tinham sido enviados por parte dos autores ao longo de 2025, demonstrando, assim, uma forma de avaliação cada vez mais rigorosa, contando com avaliadores externos geralmente muito profissionais e rápidos em expressar seus pareceres. Procurámos também cuidar da componente internacional da revista e da nossa universidade. Com efeito, este número apresenta a intervenção de duas colegas estrangeiras, uma brasileira, a outra italiana, no constante esforço de abrir a academia moçambicana para uma perspectiva mais internacional, segundo a vocação “natural” de qualquer universidade. E também é preciso realçar que este número foi caracterizado por vários contributos de colegas de sexo feminino, nomeadamente três, uma percentagem ainda não plenamente satisfatória, mas que representa 30% de todos os textos publicados.

Abre o número de 2025 a entrevista com a Professora Luiza Reis, historiadora da África da Universidade Federal de Pernambuco. A professora passou quase um ano em Moçambique, no âmbito da sua pesquisa de pós-doutoramento, realizando várias actividades em parceria com a UDM. Nesta entrevista, ela aborda várias questões salientes da realidade moçambicana, africana e das relações entre Brasil e Moçambique. O que mais sobressai, das palavras dela, é o esforço da academia moçambicana em produzir novos conhecimentos, embora num ambiente nel sempre propício para que o debate público e aberto possa fluir sem constrangimentos e condicionalismos de vária natureza. O que ela reparou, ao longo da entrevista, foi o receio em abrir a academia moçambicana para parceiros internacionais: um hábito que, através desta revista e de outras iniciativas, a UDM procura ultrapassar, apostando justamente em políticas de internacionalização e abertura tanto quanto possível.

Os artigos publicados neste número de 2025 abordam duas linhas temáticas principais: por um lado, questões relacionadas com justiça social e ambiental e paz, por outro questões inerentes ao risco, percorrendo os interesses essenciais dos dois cursos de doutoramento presentes na UDM.

À primeira linha investigativa pertencem os textos de Hélio Cuambe, Eduardo Lourenço, Francisca Noronha, Serena Sannuti, Pedro Chicolo e Stélio Dimas e Itélio Muchisse. Fazem parte da segunda linha os contributos de Almeida Chirindza et alii, de Joveinl Custelo e de Adelino Laice.

Hélio Cuambe apresenta um texto sobre “Exportações de resíduos para países africanos: injustiças ambientais e desafios legais na proteção de comunidades e ecossistemas”. Neste artigo, o autor utiliza uma perspectiva macro, para abordar um assunto até hoje complexo e nem sempre devidamente investigado. Trata-se do desequilíbrio entre o Norte e o Sul global, em que o Norte costuma produzir resíduos, por vezes tóxicos e perigosos, com a África sendo o alvo privilegiado deste comércio que, além de ilícito, penaliza vários países africanos, inclusive comunidades que ignoram quanto está a acontecer por baixo do seu nariz.

Eduardo Lourenço adopta também uma perspectiva macro, mas desta vez de ordem filosófica. Em “A Democracia em Moçambique: Uma análise com base na Concepção Universal da Democracia”, o autor procura desencadear uma reflexão sobre as fases da história recente de Moçambique, comparando-as com os princípios fundamentais da democracia, de que são fornecidas duas definições principais. A conclusão a que se chega é de que existem, na democracia moçambicana, desafios, tais como a confiança nos órgãos eleitorais, que devem ser ultrapassados, caso o País queira parar com crises pós-eleitorais e violências políticas.

Francisca Noronha apresenta outro desafio: em “A Ética Ambiental em uma Sociedade Tecnocrática: perspectivas para a resistência em Meio à Indiferença Global”, a autora aborda como é (e como poderá ser) a nova ética numa sociedade tecnocrática como a actual. Analisando diferentes autores e perspectivas (tais como Mask Maslin, Jason Moore e Papa Francisco, na *Laudato Si*), a autora conclui que já não é possível continuar a conceber a natureza como um mero recurso a ser explorado indefinidamente, sendo, portanto, necessário ultrapassar a visão dualista tipicamente ocidental.

Serena Sannuti, jovem investigadora da Universidade de Milão “La Statale” publica – em língua italiana e em português – um contributo sobre “Violência, não-violência e conflito. Uma reflexão socio-filosófica”. Trata-se de um texto que procura dar as definições filosóficas e algumas aplicações sociológicas de três conceitos fundamentais ao longo da história da humanidade, violência, não-violência e conflito. A sua reflexão analisa tais conceitos e suas interconexões a partir de autores clássicos do pensamento da não-violência, tais como Gandhi, King, Sharp, além dos italianos Capitini e Dolci. No texto, a autora procura demonstrar como a não-violência constitua uma postura activa para responder à lógica da dominação. Completa o enquadramento teórico a referência a Ulrich Beck sobre a sociedade do risco, chegando à conclusão da necessidade de uma ética e uma responsabilidade partilhadas.

No texto de Pedro Chicolo e Stélio Dimas, intitulado “Trabalho Infantil e Consequências Psicossociais no Desenvolvimento Cognitivo e Psicológico de Menores na Baixa da Cidade de Maputo”, os autores procuram investigar os impactos psicossociais do trabalho infantil na cidade de Maputo, propondo uma abordagem quali-quantitativa, de natureza empírica. As entrevistas foram realizadas na Baixa da cidade de Maputo, junto a 15 jovens de idade compreendida entre 7 a 14 anos, dos quais 9 rapazes e 6 meninas. A conclusão foi de que são as famílias destes jovens que os empurram para ir trabalhar nas ruas da capital, ignorando os seus direitos de crianças, que inclusive não podem contar com a assistência das instituições públicas, que geralmente ignoram (ou até reprimem) este fenómeno.

Conclui a primeira linha de investigação deste número da revista o artigo de Itélio Muchisse, “Guerra económica e política das Instituições da Bretton Woods: Caso do Sector do Caju em Moçambique”. Aqui, o autor procura desenvolver – a partir do conceito de “guerra económica” - uma reflexão primeiro teórica sobre as consequências das políticas de ajustamento estrutural implementadas pelo Fundo Monetário Internacional, e depois focada na indústria de caju em Moçambique na década de 1990, e sua sucessiva e definitiva crise. Segundo o autor, as políticas das instituições de Bretton Woods em Moçambique foram, pura e simplesmente, “desastrosas”.

Na linha investigativa do risco, Almeida Chirindza, Dénice Paulo Jamo e José Estêvão Muagura abordam o tema dos “Riscos Industriais Decorrentes da Instalação Massiva de Bombas de Abastecimento de Combustíveis no Município da Cidade da Matola: Caso das Bombas Total no Bairro Patrice Lumumba”. O artigo foca numa temática pouco abordada em Moçambique, mas fortemente presente, principalmente no município da Matola. Com efeito, em quase todas as grandes cidades do mundo, a tendência, hoje, é de afastar tanto quanto possível os postos de abastecimento de combustível dos centros habitados. Pelo contrário, em Moçambique (e no município da Matola em especial), a tendência é oposta. Apesar de tal tendência constituir um aparente indicador de “desenvolvimento”, o estudo apurou a presença de 61 bombas de combustível num espaço de 373 Km<sup>2</sup>, uma densidade considerável, que poder desaguar num risco concreto junto às populações daquela urbe. O estudo concentrou-se no bairro Patrice Lumumba, onde vivem cerca de 17.000 pessoas, que vivem sob o constante risco de fuga de materiais poluentes ou até de explosão causada por desleixo humano ou erro técnico dos operadores dos postos. O artigo se conclui indicando algumas medidas possíveis para atenuar este risco, incluindo a requalificação do bairro Patrice Lumumba.

O segundo texto desta linha investigativa sobre o risco é da autoria de Jovenil Custelo, e verte sobre “Ilha de Moçambique e os riscos estratégicos actuais”. Aqui, o autor procura analisar os riscos presentes na Ilha de Moçambique, decorrentes da carência de infraestruturas sólidas de segurança marítima. A conclusão é de que a primeira capital do País, devido à sua posição estratégica, corre riscos de vários níveis, desde os relativos a hospedar redes de narcotráfico aos inerentes à poluição ambiental, pesca ilegal, invasão de estrangeiros não autorizados a entrar no País, configurando, assim, um panorama complexo de insegurança marítima, a que as instituições deveriam prestar a devida atenção, tomando as medidas necessárias.

Finalmente, Adelino Lúcia Laice aborda sobre “Análise da expansão urbana: caso do estudo localidade de Eduardo Mondlane, Distrito de Boane”. Mais um estudo sobre o Sul de Moçambique, que procura analisar características e riscos da expansão da localidade “Eduardo Mondlane” em Boane. A ocupação de áreas anteriormente desprovidas de infraestruturas humanas relevantes está a causar impactos significativos no equilíbrio ambiental da área. Com recurso ao software ArcGIS 10.8, o autor desenhou um mapa com base em indicadores, tais como declividade, elevação, uso e ocupação do solo, tipos de solo e precipitação. Sobrepondo tais variáveis mediante uma análise multicritério, o autor chegou à conclusão de que os riscos maiores se concentram em áreas próximas a recursos hídricos essenciais para a região, com solos altamente férteis, susceptíveis de inundações, como, infelizmente tem acontecido no início de 2026.

Acreditámos que a leitura dos artigos presentes no número de 2025 da Revista Científica da UDM possa dar um contributo importante à reflexão sobre Moçambique e o mundo, em temáticas essenciais para todos nós. O compromisso é de que a produção que será hospedada pela nossa revista em 2026 poderá ser ainda melhor e maior, continuando a contribuir para o crescimento de Moçambique e do continente africano mais no geral.